



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **A ARTE DECORATIVA NACIONAL NOS SALÕES DE ARTE DA ENBA E DO MNBA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Marcele Linhares Viana\*

1

Este trabalho se propõe a analisar os modos de inserção das Artes Decorativas no contexto cultural da primeira metade do século XX na cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1930 e 1940, desde o seu ensino na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) até a sua inserção no contexto das exposições locais.

Na seara da história da arte, o tema Arte Decorativa incita a busca pela compreensão de diferentes conceitos que lhe são atribuídos em diferentes épocas e desperta a investigação da sua relação com a produção artística e industrial do país. A partir da análise do ensino da ENBA, destacamos parte desta relação, onde analisamos seus princípios educacionais, as disciplinas relacionadas ao ensino das artes decorativas, e a sua ligação com o espaço exterior ao meio acadêmico, a partir das exposições dos trabalhos dos alunos.

Encontramos nos objetos de Arte Decorativa expostos nas mostras deste período uma temática referente ao imaginário nacional. No espaço dessas exposições, e, principalmente, dos Salões Nacionais, promovidos pela ENBA e pelo Museu Nacional

---

\* Mestre em Artes Visuais – doutoranda em História e Crítica da Arte pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes (PPGAV) da Escola de Belas Artes (EBA) da UFRJ. Atualmente é professora de história da arte do CEFET/RJ.

de Belas Artes (MNBA), as artes decorativas estabelecem contato com o público por meio da exibição de peças de uma arte utilitária de caráter nacional.

Desta maneira, a análise da inserção das Artes Decorativas no meio cultural carioca, apresenta-se como um espaço favorável para se *ver* os objetos de arte decorativa, perceber como peças e projetos são *exibidos*, por meio dos quais pretendemos *compreender* a trajetória acadêmica e de mercado da Arte Decorativa nacional.

## MODOS DE VER: A ARTE DECORATIVA

O estudo acerca das artes decorativas nos conduz a uma análise aprofundada de seu significado. Ao longo dos séculos XIX e XX, o conceito de Arte Decorativa possuiu sentido diferente do que é usado atualmente e, frequentemente, é confundido com outros como Arte Aplicada e Arte Industrial.

Na primeira metade do século XX, percebemos que o significado do termo não é constante, porém é evidente sua exclusão do conjunto das belas artes. Na Encyclopedia e Dicionario Internacional, de 1935, o produto da Arte Decorativa é apresentado como algo que “tem por fim criar, não obras de arte variadas, como o quadro e a estátua, mas obras de arte com um destino determinado: *esculpturas*, pinturas de ornamentação, etc.”<sup>1</sup> No Dicionario Enciclopédico Brasileiro Ilustrado, de 1945, este outro tipo de obra de arte é integrante de um “grupo [no qual] estão as artes que criam objetos de utilidade mas que realizam suas finalidades estéticas, possuindo elementos de beleza; neste [grupo] se acham a arquitetura, o mobiliário, a cerâmica, etc.”<sup>2</sup>

A ligação entre Arte Decorativa e Arquitetura é, neste caso, mais próxima do que a relação entre Pintura e Escultura. Isto se justifica pela sua proximidade entre os conceitos de *decoração* e de *ornamentação* que estão geralmente associados à composição arquitetônica. As Artes Decorativas, reconhecidas como as “artes que tem

<sup>1</sup> Verbete: artes decorativas IN **Encyclopedia e Dicionario Internacional**. 10 Vol. Boston, EUA [Rio de Janeiro/Nova York]: W. M. Jackson, The Colonial Press Inc. Editores, 1935, p843.

<sup>2</sup> Verbete: arte IN MAGALHÃES, Alvaro. **Dicionario Enciclopédico Brasileiro Ilustrado**. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1947, p158.

por fim a decoração, como a *esculptura* de ornato, a tapeçaria, etc”<sup>3</sup>, estão intimamente vinculadas ao espaço interior e às aplicações arquitetônicas; ou fazem parte do conjunto ornamental da decoração de objetos de arte. A decoração é apresentada, dentro do campo arquitetônico, como a “arte de dispor os ornatos, peças ou formas acessórias que se juntam a outra principal com o fim de torná-la mais expressiva e bela.”<sup>4</sup> Nos dicionários e enciclopédias da época, contudo, a Arquitetura faz parte do conjunto das belas artes, ao passo que as Artes Decorativas não estão inseridas nele. Em algumas classificações artísticas da primeira metade do século XX é possível perceber ainda a influência de conceitos do passado:

Os Encyclopedistas do século XVIII adoptaram uma divisão das artes que o nosso tempo não sancionou. Admittiam três grupos: 1º bellas-arts, 2º artes scientificas e 3º artes mechanicas. (...) As artes scientificas são, na realidade, sciencias applicadas. As artes mechanicas, artes industriais ou manuaes (manufacturas) procedem nas artes scientificas, mas algumas inspiram-se mais particularmente nas bellas-arts, ligando-se todavia á categoria precedente.<sup>5</sup>

A frequente utilização do termo Arte Aplicada, como sinônimo de Arte Decorativa, está relacionada com a arte e suas aplicações científicas e mecânicas, que de certa forma interagem com as belas artes. A Arte Aplicada é associada ao contexto industrial, decorativo ou ornamental seguido de sua literal *aplicação* à arquitetura, ao espaço interior ou à superfície de um objeto utilitário. O termo é usado como abreviação da expressão “arte aplicada à indústria” ou “arte industrial”, representando a ligação entre o objeto industrial e o artístico.

*Occupamo-nos* só do ramo da arte que é permitido ligar estreitamente às artes do desenho. Procedendo assim, considerados as artes *applicadas* na sua ultima expressão, e não na matéria empregada. O termo tão frequentemente usado de *objetos de arte* supõe um produto cujo *typo* primitivo deve ter *sahido* das mãos de um artista. Não há muito tempo que se reconheceu e proclamou a intervenção da arte na indústria. O que mostra quanto é pouco justificada a demarcação absoluta que se quis estabelecer entre a arte e a indústria, e a *difficuldade* de ligar a uma ou a outra.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> Verbete: artes decorativas IN **Idem**, p159.

<sup>4</sup> Verbete: decoração (Arq.) IN **Ididem**, p526.

<sup>5</sup> Verbete: arte IN **Encyclopedia e Dicionario Internacional**. p843.

<sup>6</sup> Verbete: artes *industriaes* IN **Idem**, p843.

O conceito de Arte Decorativa associado à produção industrial através do termo Arte Aplicada ganha definição mais explícita quando atrelada a um dos “ramos da indústria cujas obras se revestem de caráter artístico: mobiliário, cerâmica, tapeçaria, etc.”<sup>7</sup> Estes são os objetos de Arte Decorativa/Aplicada que se encontra nos catálogos das exposições e em documentos da primeira metade do século XX relativos à ENBA.

Neste período, o ensino da Escola está dividido em dois seguimentos: um composto pelo curso de Arquitetura e outro pelos cursos de Pintura, Gravura e Escultura. O ensino de Arte Decorativa na instituição inicia-se através da cadeira “Artes Aplicadas – Tecnologia e Composição Decorativa”, oferecida para todos os cursos, criada na Reforma Institucional de 1931. Em 1933, tem seu nome abreviado para “Arte Aplicada”, e em seguida, alterado para “Arte Decorativa”.<sup>8</sup>

Os anos 1930 foram de profundas transformações na estrutura da Escola, refletindo mudanças sócio-políticas da Revolução de 30, educacionais da Escola Nova e nacionais dos movimentos artísticos de linhas modernas e de valorização da arte colonial.

4

## MODOS DE EXIBIR: OS SALÕES NACIONAIS

Conhecidas como o espaço em que a “arte vai além da academia”<sup>9</sup>, as exposições de obras de artistas têm importante papel na relação entre a atividade artística e o mundo externo ao ateliê. Acredita-se que a história dos salões está diretamente ligada à história da arte ocidental. O início das exposições de artistas acadêmicos ocorre em 1564, por iniciativa de Giorgio Vasari em sua *Accademia del Disegno*, em Florença, onde faz a primeira exposição de arte pública. Em seguida, tanto o modelo de academia quanto a iniciativa das exposições são instauradas em outras regiões da Europa, principalmente em cidades na França e Itália.

---

<sup>7</sup> Verbete: decorativo (Artes Decorativas) IN **Ibidem**, p3370.

<sup>8</sup> “Reitor da Universidade: Comunica que o Conselho Universitário aprovou a proposta do professor Fléxa Ribeiro, relativa à abertura de um curso de Arte Decorativa.” Encad. 6145. Ordem: 227. Ofício: 1422. Data: 25.07.1933. p51. Arquivos do MDJVI, EBA-UFRJ.

<sup>9</sup> LUZ, Angela A. **Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Brasil**. Rio de Janeiro: Caligrama, 2005, p37.

No Brasil, as exposições começam na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) e são mantidas após a Proclamação da República, quando a instituição passa a se chamar Escola Nacional de Belas Artes. A primeira exposição de trabalhos artísticos de professores e alunos foi apresentada em 1829, organizada pelo pintor e professor Jean-Baptiste Debret com o título de “Exposição da classe de pintura da Imperial Academia das Bellas Artes”.<sup>10</sup> Em 1840, entretanto, é inaugurada a exibição com o título “Exposição Geral” e é estabelecida a sua frequência anual.

Neste período, passam a acontecer exposições internacionais ligadas tanto à arte quanto ao comércio e à indústria, em capitais europeias como Londres e Paris, e nos Estados Unidos. Elas influenciam diretamente as Exposições Gerais da Academia/Escola e despertam interesse do público local. Tais eventos tornam-se lugares propícios para a divulgação de inovações e produtos do mundo recém-industrializado. Além disso, no caso do Brasil, as mostras ainda possibilitam a visibilidade da produção artística nacional.

As exposições se configuram como um espaço de renovação de experiências, de lançamento de nomes no campo artístico, de possibilidade de participação do expectador, ao mesmo tempo em que se apresenta como espaço de competição entre artistas e de exposição a críticas nem sempre construtivas publicadas em periódicos da época. Elas apresentam um vasto campo de informações que cercam a produção artística no contexto cultural. Em *O Diário de Notícias* de 1949, o crítico de arte Flavio de Aquino reconhece a importância dessas mostras, afirmando que “[nós] não só absorvemos o gosto pelos salões como fizemos deles, mais que um ‘lugar’, um espaço de sacralização de nossa arte, de confirmação de valores e de obrigatoriedade de comparecimento.”<sup>11</sup>

No início do século XX, no Rio de Janeiro, as exposições ganham força com dois grandes eventos: a comemoração do Centenário de Abertura dos Portos às Nações Amigas, que se realiza na Exposição Nacional de 1908, e a do Centenário de Independência, que acontece durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro em

---

<sup>10</sup> Idem, p56.

<sup>11</sup> LUZ, Angela A. Op. Cit., p18.

1922, na esplanada do Castelo, novo espaço do distrito federal onde se exhibe também a nova face moderna do país.

É na década de 1930, porém, que grandes mudanças ocorrem na estrutura das exposições da ENBA. Por nomeação do presidente Getúlio Vargas, o arquiteto Lucio Costa<sup>12</sup> assume a direção da Escola e realiza a polêmica XXXVIII Exposição Geral de Belas Artes, que se configura como espaço de manifestação de arte moderna, e por isso fica conhecida também como Salão de 31, Salão Tenentista e Salão Revolucionário.

A principal mudança de Costa no âmbito das exposições é de reestruturar os poderes da Comissão Organizadora. Desde fins do século XIX, a Escola passa a contar com um Conselho Superior de Belas Artes<sup>13</sup> que delibera tanto questões acadêmicas quanto constitui júris e organiza as Exposições. Em 1931, a Comissão Organizadora continua responsável por fazer os convites, “mas haveria total liberdade [de participação], sem as restrições impostas pelos julgamentos e seleções dos salões tradicionais, sem cortes e sem obstáculos a qualquer artista. O julgamento viria do público.”<sup>14</sup>

Após a saída de Lucio Costa, as exposições passam por nova reformulação pelo Decreto de 1933. Nele são alteradas disposições sobre o ensino na ENBA, ano em que a cadeira com título de “Arte Decorativa” se estabelece, e são deliberadas mudanças nas exposições. Uma delas é a de seu nome, para Salão Nacional de Belas Artes<sup>15</sup>, que aponta o comprometimento da mostra de arte com a valorização nacional já levantada pelas temáticas modernistas e neocoloniais no país. A principal consequência dessas mudanças, após a saída de Costa da ENBA, é a criação da Divisão de Arte Moderna, separando as tendências artísticas nos salões, a partir dos anos 1940.

---

<sup>12</sup> Lucio Costa assume a direção da ENBA com apenas quatro anos de formado em arquitetura pela mesma instituição e aos vinte e oito anos de idade, substituindo o professor Corrêa Lima.

<sup>13</sup> Comissão criada pelo Decreto nº983 08.10.1890 que também modificou o nome da AIBA para ENBA. LUZ, Angela A. **Op. Cit.**, p89.

<sup>14</sup> **Idem**, pp104-105.

<sup>15</sup> O novo nome só aparece oficialmente a partir de 1934 (Decreto nº22.897 06.07.1933) e é mantida a numeração referente às Exposições Gerais.

Embora o espaço das exposições de arte fosse crescente no contexto cultural da capital, documentos da Escola e periódicos da época<sup>16</sup>, denunciam a falta de espaço para os Salões e registram a precariedade das condições físicas do prédio e a ameaça ao acervo da pinacoteca.<sup>17</sup> Nos anos 1940, é feita uma proposta para construção de um edifício para o MNBA<sup>18</sup>, deixando o prédio da Avenida Rio Branco apenas para a ENBA, em função do progressivo crescimento de ambas as instituições.<sup>19</sup>

O espaço concedido às Artes Decorativas nas exposições é crescente desde o século XIX, porém, é a partir do século XX que elas aparecem com maior número de expositores, em seções exclusivas e com obras que seguem uma temática nacional. Na Exposição de 1927, Henrique Cavalleiro, ex-aluno da Escola e futuro professor de Arte Decorativa, expôs um painel de “sugestão decorativa”. Em documento de 1930, consta uma lista de material a ser comprada pela Escola proveniente do XXXVII Salão da Exposição Geral de Belas Artes onde aparece a categoria de “objetos de cerâmica” ao lado de pintura e escultura. As peças compradas são listadas como: “A. da Costa e H. Ganot (6 vasos) por 1:000\$000.”<sup>20</sup>

A primeira metade do século XX é, portanto, de fundamental importância para analisarmos a conquista e a delimitação do espaço das Artes Decorativas dentro da ENBA, considerando sua inserção no ensino da Escola e seu lugar nas seções dos Salões Nacionais. Este processo que se dá com mais força nos anos 1930 e 1940, não

---

16 “[...] não havendo salas disponíveis para as Exposições anuais, eram elas efetuadas dentro do próprio Museu, em paredes provisórias, levantadas na ocasião, com sarrafos cobertos de aniagem, escondendo assim dos visitantes os quadros da pinacoteca, durante pequena parte do ano” **Jornal do Commercio**, 1922 *Apud* VALLE, Arthur G. Instalação nas Exposições Gerais de Belas Artes durante a 1a. República. IN **19&20**. Rio de Janeiro: v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte-decorativa/egba\\_instalacao.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte-decorativa/egba_instalacao.htm)>.

17 Ata da Sessão da Congregação da ENBA. Encad. 6159. 1936, p38. Arquivos do MDJVI, EBA-UFRJ.

18 O MNBA, criado em 1937, ocupa parte do prédio da Escola. Nos anos 1970 a ENBA se muda para o campus da UFRJ na Ilha do Fundão, deixando o edifício na Avenida Rio Branco para o Museu. A Escola, nesta ocasião passa por sua segunda mudança, já que em 1908 ela foi transferida do prédio original para o edifício projetado por Adolpho Morales de los Rios na então ainda denominada Av. Central.

19 Ata da Sessão da Congregação da ENBA. Encad. 6159. 1945, p58. Arquivos do MDJVI, EBA-UFRJ.

20 Lista de compra de material da ENBA. Encad. 6158. 1930, p194. Arquivos do MDJVI, EBA-UFRJ.

por acaso, antecede a criação do curso independente de Arte Decorativa na ENBA a partir de 1948.<sup>21</sup>

## **MODOS DE COMPREENDER: A ARTE DECORATIVA NOS CATÁLOGOS DOS SALÕES NACIONAIS**

A partir dos anos 1930, a atuação de expositores na seção de Arte Decorativa/Arte Aplicada tornou-se crescente e constante nos Salões Nacionais. No catálogo de 1936, aparecem coleções de peças e objetos em bronze, vasos, jarras, pratos e desenhos decorativos. Os destaques são para os adjetivos atribuídos aos objetos, como “marajoara”, e para as expressões como “motivos indígenas”<sup>22</sup>.

Desde a virada do século a temática nacionalista se manifesta de diferentes formas nas artes visuais, contudo este processo nas artes decorativas é pouco estudado. Este tema é contemplado em trabalhos sobre os artistas e professores Theodoro Braga<sup>23</sup> e Eliseu Visconti, defensores tanto da Arte Decorativa quanto da estilização de elementos da fauna e flora brasileiras na composição de objetos e motivos decorativos.

Braga participa ativamente de exposições nacionais com trabalhos de artes decorativas. Na Exposição Geral de 1927 apresenta um conjunto de peças assinado em parceria com sua esposa, Maria Braga, onde está presente a temática nacionalista e os motivos indígenas.

Visconti é um dos precursores da valorização das artes decorativas no país. Em sua primeira exposição intitulada “Pintura e Arte Decorativa”, em 1902, após seu retorno da Europa concedido pelo Prêmio de Viagem da Escola, o artista apresenta 10 obras pictóricas e 28 exemplares de Arte Decorativa. Em 1933, ele passa a lecionar um

---

<sup>21</sup> Ata da Sessão da Congregação da ENBA: Desenvolvimento de um novo Regimento da ENBA. Encadernados 6159. 1946, pp68-69. Arquivos do MDJVI. Neste Regimento a ENBA passa a oferecer os cursos de: Pintura, Escultura, Gravura, Arte Decorativa e Licenciatura em Desenho. O Regimento Interno da ENBA da Universidade do Brasil foi aprovado pelo Conselho Universitário de 17.08.1946, rubricado no Diário Oficial de 08.08.1947 e entra em vigor no ano seguinte.

<sup>22</sup> Catálogo do Salão Nacional de Belas Artes de 1936.

<sup>23</sup> Para aprofundamento na obra de Theodoro Braga ver COELHO, Edilson da S. **O Nacionalismo em Theodoro Braga: posturas e inquietações na construção de uma arte brasileira**. 2009. 157p. Orientador: Sonia G. Pereira. Tese (História e Crítica da Arte) PPGAV – EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, Il.

curso de extensão de Arte Decorativa na Escola Politécnica, com apoio de professores da ENBA, como Flexa Ribeiro. O pintor, defensor das artes aplicadas, “compreendia [que] uma Escola de Artes não deveria conceder privilégios à determinada categoria, privilegiando a pintura no confronto com a cerâmica e com as artes decorativas.”<sup>24</sup>

Na mesma época em que o curso de Visconti é oferecido na universidade, a cadeira de “Arte Decorativa” da ENBA é regida pelo professor Roberto Lacombe que assume a disciplina em 1933<sup>25</sup> e permanece até 1936, ficando interinamente durante o ano de 1937. Em 1938 é realizado concurso para novo docente, no qual se inscrevem: Iris Rodrigues Pereira de Souza, David Xavier Azambuja<sup>26</sup> e Quirino Campofiorito.<sup>27</sup> Nesta ocasião, Henrique Cavalleiro<sup>28</sup> se candidata à vaga de professor de “Pintura”, disciplina que já ministra na Escola desde 1934. Entretanto é ele quem assume como professor interino a matéria de “Arte Decorativa”<sup>29</sup> até fins dos anos 1940 na ENBA, de acordo com carta do Reitor da Universidade do Brasil.<sup>30</sup>

O pintor, casado com Yvonne Visconti, filha de Eliseu Visconti, aparece no conjunto do júri do Salão de 1938 na seção de Desenho e Artes Gráficas. Yvonne e Visconti compõem a seção de Arte Decorativa do Salão deste mesmo ano e aparecem com frequência entre comissões organizadoras, julgadoras e grupos de expositores.

---

<sup>24</sup> LUZ, Angela A. **Op. Cit.**, p91.

<sup>25</sup> Ofício de 18.02.1933. Para o diretor da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Rio de Janeiro. Avulsos 571-640. Arquivos do MDJVI da EBA-UFRJ.

<sup>26</sup> O candidato David Azambuja, que se apresenta como “*Interior Decorator*”, possui material de concurso arquivado no MDJVI. Na ocasião, ele também se candidata à vaga de docente da cadeira de Urbanismo.

<sup>27</sup> Quirino Campofiorito, que no concurso de 1938 também se candidata à vaga de docente de Pintura, assume, em 1950, o então novo curso de Arte Decorativa da Escola. A partir deste período Henrique Cavalleiro é contratado para o ensino de Paisagem (curso de Pintura) em 1951 e para Pintura Decorativa em 1952. GALVÃO, Alfredo. **Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes**. Rio de Janeiro: 1954, p83.

<sup>28</sup> Henrique Campos Cavalleiro: nasceu no Rio de Janeiro em 15.03.1894. Matriculou-se na ENBA em 1907. Obteve medalha de ouro em Pintura de Modelo Vivo e Prêmio de Viagem em 1918. Em Paris estudou na Academie Julien com André Devheneau. Expôs nos salões de Paris e obteve medalha de ouro no Salão Nacional.

<sup>29</sup> Segundo Alfredo Galvão, Henrique Campos Cavalleiro é professor interino da cadeira de Pintura de 1934 a 1937. GALVÃO, Alfredo. **Op. Cit.**, p83.

<sup>30</sup> Registro de Correspondências recebidas pela ENBA. Encadernados 6145. Ordem 148. Ofício 2675-1681. Data: 19.05.1938. p143. Arquivos do MDJVI, EBA-UFRJ.

A seção de Arte Decorativa, composta por 14 expositores, no Salão de 1938 apresenta: coleção de objetos, painel decorativo, vaso, prato, medalhão em gesso, prata cinzelada e jarrinha.<sup>31</sup> As peças são descritas por sua ornamentação composta por “decorações indígenas” e “arte marajoara”, ou nomeadas com temas nativos como “A Yara”, “Arapapas”, e “Toryba”<sup>32</sup>.

No Salão de 1939, as seções permanecem agrupadas da mesma maneira, entretanto, novas peças se destacam como: um projeto de cenário, uma vitrine com peças em bronze, um estudo para grande decoração mural e um sobre móvel<sup>33</sup>. Às expressões de valorização nacional somam-se “desenhos indígenas brasileiros” e “flora e fauna estilizada.”<sup>34</sup>

Em 1940, as Artes Decorativas estiveram presentes também na Divisão de Arte Moderna do Salão. Thea Habermeld, discípula de Roberto Lacombe, expõe um “painel (em tecido) para teatro” e um “projeto de tapetes que foram executados para o pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português em Lisboa”<sup>35</sup>. O professor Lacombe esteve no Salão como membro do júri da exposição que foi dividida nas seções pintura, gravura, escultura, desenho e artes gráficas, artes aplicadas e arquitetura.

Além de Lacombe, outros professores são citados por discípulos expositores, dentre eles Eliseu Visconti, Henrique Cavalleiro, Theodoro Braga e Iris Pereira, candidata à vaga de docente em 1938. A relação de Iris com o ensino de Arte Decorativa na ENBA não aparece como oficial, porém consta nos registros de correspondências recebidas pela ENBA, de 1936, uma resposta positiva ao convite da Escola para ela “reger uma turma da cadeira de Arte Decorativa”<sup>36</sup>.

No Salão de 1940 são apresentados pelos 14 participantes vasos, jarras, vitrais, peças diversas em gesso, pratos, molduras de espelhos e uma mesa<sup>37</sup>. A valorização de

<sup>31</sup> Catálogo Salão Nacional de Belas Artes (SNBA) de 1938.

<sup>32</sup> Catálogo do SNBA de 1938.

<sup>33</sup> Catálogo do SNBA de 1939.

<sup>34</sup> Catálogo do SNBA de 1939.

<sup>35</sup> Catálogo do SNBA de 1940.

<sup>36</sup> Registro de Correspondências recebidas pela ENBA. Encadernados 6145. Ordem 80D. Ofício (carta). Data: 27.03.1936, p107. Arquivos do MDJVI, EBA-UFRJ.

<sup>37</sup> Catálogo do SNBA de 1940.

ornamentação de inspiração “marajoara” é atrelada à descrição do uso de materiais locais, na execução de peça em “madeira nacional”<sup>38</sup>.

A valorização de nomes, materiais e motivos nacionais nos mostram o quanto as artes decorativas estiveram envolvidas nas propostas artísticas da época, que regiam a produção das obras e alimentavam discussões diversas no meio acadêmico da ENBA. No campo das artes decorativas este é um fenômeno que passa a ocorrer a partir dos anos 1930 e que podemos observar através de documentação relativa aos Salões Nacionais. A referência à arte nacional, muitas vezes, aparece com mais destaque do que os próprios objetos expostos, como “peças em bronze e cerâmica (decorações dos índios brasileiros)”<sup>39</sup>, em que não são esclarecidas o *tipo de peças* que são expostas. A importância dada à descrição da temática nacional – flora, fauna e motivos indígenas – nesses objetos demonstra que o tema assume papel de ligação entre a obra de arte e o objeto utilitário.

O destaque nos catálogos dos Salões para o nome dos mestres na apresentação de seus discípulos-expositores é também um importante indicativo do *status* artístico que a Arte Decorativa conquista, ao longo da primeira metade do século XX, tanto no contexto externo acadêmico quanto internamente, no ensino da ENBA.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivos do Museu Dom João VI (MDJVI) da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

BRAGA, Theodoro. Nacionalização da arte brasileira. 19&20. Rio de Janeiro: v. V, n. 1, jan. 2010. Originalmente publicado em *Ilustração Brasileira*, Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/artigos\\_imprensa/ilustacao\\_brasileira/ib\\_1922\\_09\\_tb.htm](http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/ilustacao_brasileira/ib_1922_09_tb.htm)>.

COELHO, Edilson da Silveira. *A multiforme obra artística e intelectual de Theodoro Braga*. IN III Encontro de História da Arte – IFICH /UNICAMP. Campinas: 2007 pp159-168.

---

<sup>38</sup> Catálogo do SNBA de 1940.

<sup>39</sup> Catálogo do SNBA de 1940.

\_\_\_\_\_. O Nacionalismo em Theodoro Braga: posturas e inquietações na construção de uma arte brasileira. 2009. 157p. Orientador: Sonia Gomes Pereira. Tese (História e Crítica da Arte) PPGAV – EBA – UFRJ, Rio de Janeiro, Il.

Eliseu Visconti: a modernidade antecipada. (Catálogo exposição. Rafael Cardoso... et al.). Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2012, 192p. Il.

Eliseu Visconti – Arte e Design. (Catálogo exposição. Curadoria: Rafael Cardoso). Rio de Janeiro: Hólos Consultores Associados, 2008, 96p. 109 il.

Encyclopedia e Diccionario Internacional. 10 Vol. Boston, EUA [Rio de Janeiro/Nova York]: W. M. Jackson, The Colonial Press Inc. Editores, 1935.

FONSECA, Simões da. Novo Dicionario Enciclopedico Ilustrado da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro/ Paris: Ed. Livraria Garnier, 1926, 1323p., Il.

GALVÃO, Alfredo. Subsídios para a história da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: 1954, 147p.

LEVY, Ruth Nina Vieira Ferreira. A Arquitetura de Exposições como Repertório de Formas e Tipologias IN 19&20. Rio de Janeiro: v. IV, n. 3, jul. 2009. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_ruth2.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_ruth2.htm)>.

LUZ, Angela Ancora. Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Brasil. Rio de Janeiro: Caligrama, 2005, 251p, Il.

MAGALHÃES, Alvaro. Dicionario Enciclopédico Brasileiro Ilustrado. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1947, 1581p, Il.

VALLE, Arthur. Instalação nas Exposições Gerais de Belas Artes durante a 1a. República. IN 19&20. Rio de Janeiro: v. VI, n. 1, jan./mar. 2011. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/egba\\_instalacao.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/egba_instalacao.htm)>.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. Encyclopedica Popular (leituras uteis). Campanha: Typographia do << Monitor Sul-americano >> ,1879, 746p.